

## O mal da obviedade

Pedro Sasse

No dia 7 de Junho de 2008, às 19h, registou-se a queixa pelo desaparecimento de Ana Maria T., 8 anos, caucasiana, mancha de nascença na perna direita. Dois dias mais tarde o caso é transmitido para 40 milhões de pessoas durante o jantar. “Isso é um absurdo”, “se fosse na América já tinham encontrado o filha da puta”, “como não tinha ninguém esperando essa menina na saída da escola?”, “é negligência dos pais”. O caso entra pra lista Globo da polícia. Precisa ser investigado. Uma semana mais tarde, o chefe de polícia Emmanuel Santana está suando diante de doze microfones e meia centena de repórteres. “Acreditamos que o caso esteja conectado com outro desaparecimento similar. Os nossos peritos estão avançando nas investigações e, sem dúvida, em breve capturaremos o criminoso”.

12 e 45, Lúcio Fortuna penteia o cabelo para trás por cinco minutos. O rádio transmite informações sobre o trânsito. Nenhum fio de cabelo deve ficar fora do lugar. Loção pós-barba. Terno. Gravata. Colônia. Consulta seu bloco de notas. Vinte e cinco minutos depois está no elevador. Uma socialite cirurgicamente esculpida elogia o porte. Sorriso. Checa as mensagens.

20/07/10 – 22:00

J.: kkkk

L.: Sério.

J.: Mas vc nem vai notar q eu estou lá

L.: Ainda não gosto da ideia. É um cenário de crime, está cheio de evidência. Se você mexer em algo pode me prejudicar.

J.: Vc falou tnt q me deixou curiosa

Ñ vou mexer em nada

Só olhar

L.: E a Beatriz?

J.: Ñ encontrei ngm p ficar com ela =ssss

ela se comporta

ela gosta de vc

kkk

L.: Hmm.

Amanhã às 15h. Demora para chegar lá.

J.: :D

Vou levar sanduíches.

21/07/10 – 13:15

L.: Saindo de casa. Te encontro naquele ponto que conversamos. É melhor para o meu caminho.

14 e 58 Lúcio buzina. Entram no carro Jéssica, Beatriz e o Macaco. Há sol, mas venta na estrada. Folhas secas no ar. Ar pesado. Impressões de Apocalipse. “O que leva vocês a achar que esse lugar era o esconderijo do *serial killer*?”. “Não há provas que ele seja um assassino serial. Nunca foram encontrados corpos.”. “Mas deve ser, né? Só que a polícia é meio incompetente...”. Lúcio suspira. “Não nesse caso... É um caso importante. Estamos mais perto do que você acha, Jéssica...”. Abre uma fresta das janelas. O vento penetra violentamente o interior do veículo. Beatriz sorri no banco de trás. Jéssica encara as montanhas.

### **Do que se vê pelo olho mágico**

Catorze dias antes a água escorre pelo ralo repleto de pedaços de arroz e legumes. A televisão está ligada. Ninguém na sala. Ouve-se desafios de flauta doce na casa ao lado. Jéssica, 24, cabelos negros, traços indígenas, olha o *corpus* sobre a mesa. Passada a lufada fria do refrigerador, calor. Sente o suor da pele. O cheiro forte. Gosta do cheiro da própria pele.

Toca a campainha. Jéssica sai de um profundo transe. Depara-se com o filme mais entediante de Jack Nicholson no televisor. Checa o relógio. Estranha o horário. Beatriz só deve chegar dez minutos mais tarde. Jéssica checa o Olho Mágico. Um catador de latinhas vasculha o lixo; Paulo, 37, mulato, dois filhos, cabelos grisalhos, leviga as folhas do quintal; um desconhecido, meia idade, fora de forma, terno gasto, carrega uma pilha de caixas. Na frente da porta Lúcio Fortuna, 40, cabelos penteados para trás, lábios e sobrancelhas demasiado finos.

A primeira vista parece ser um mórmon. Mórmons visitam Jéssica desde a morte da mãe. A mãe havia se convertido quando soube da doença. Jéssica gostou do apoio, no início. Agora, Jéssica apenas deseja que um dia a campanha deixe de tocar. Jéssica repensa. Não pode ser um mórmon. Não era o horário. Não era o dia. Era apenas um e principalmente, faltava a felicidade inabalável, a lobotomia espiritual. Jéssica espreita o *corpus* antes de responder.

“Sim?” De portas fechadas. Corrente e pino. Duas trancas. “Boa tarde, meu nome é Lúcio Fortuna, detetive encarregado do caso da menina Ana, não sei se você acompanhou pela TV...”. Arqueia um sorriso ensaiado.

Uma fresta abre-se. A corrente da porta limita o contato. Lúcio continua calado. Rosto complacente. Sabe que a porta abrirá. São preciso dez segundos de silêncio. Uma van anuncia seus trajetos. A flauta tenta Ode a Alegria. Jéssica cede. “Não se preocupe, são apenas algumas perguntas”.

O exterior desaparece atrás da porta. Jéssica olha ao redor. A presença de um estranho ressalta a desordem. Sua sala passa de lugar de descanso a praça pública. Aguarda seu julgamento. Meia suja perto do móvel da TV. Cabelos e poeira nos cantos do aposento. E o corpo. Seu cheiro particular. Único. Seu perfume privado ao alcance de um desconhecido. O cabelo desarrumado pesa. Sente a bermuda do pijama apertar seu corpo.

“É engraçado como essas portas são pouco úteis, sabe? No caso da menina Ana a porta não apresentava nenhum sinal de arrombamento. Alguém simplesmente entrou lá no meio da tarde e saiu com a menina sem forçar um único cadeado. E sabe por quê? Ninguém aqui sustenta uma porta fechada muito tempo. Essa coisa...” Lúcio caminha em silêncio até o sofá. Aperta o botão do controle da TV. Nada ocorre. Tenta mais três vezes, força progressiva, até desligar o aparelho. A ausência da voz eletrônica cria um vácuo que parece aproximá-los à força. “essa coisa de toque humano, sabe? Todo mundo acaba cedendo, não deixa o outro conversando com a porta muito tempo. Abre uma frestinha, com um pouco de insistência até a corrente. Aí já era”.

Jéssica lembra de Ana. Das fotos na TV. Do choro da mãe. Do especial do fantástico. Lembra de Beatriz. Não falta muito para que chegue da escola. O cheiro da camisa é forte. Afasta-se. Lúcio caminha com naturalidade pela sala. Jéssica guarda o *corpus* no refrigerador. “Faz uns dois anos esse caso, né? Nunca acharam nada...”.

Jéssica fala da cozinha, gaveta de talheres aberta. “Resolveram reabrir o caso sem pressão da mídia? Conseguiram algum dado novo?”. Faca de serra, 17 cm, cabo em madeira, aço inox. “Algo assim...”. Lúcio abre as cortinas. Passa a mão pela prateleira com fotos. Poeira. Traça algumas palavras em um bloco. “A investigação aponta que aquele não foi o único caso, se você bem se lembra. O caso ficou com o nome da menina Ana porque a mídia gosta mais de vítima com cara de princesa da Disney, dá pra fazer aquelas encenações hollywoodianas na TV... digressões. O fato é que temos indícios dele nessa região...”. Lúcio está na porta da cozinha quando Jéssica se vira. Sobressalto. A faca cai e desliza para baixo do refrigerador. Lúcio se abaixa para pegar, mas Jéssica o impede. A proximidade reinvoca o cheiro da camisa.

“A senhorita ainda não me disse seu nome”. Ambos na porta da cozinha. Olham para a sala. Jéssica contempla o desleixo doméstico. Lúcio repara nas falhas da pintura na parede. “Jéssica”. “É pouco...”. “Oi?”. “Jéssica só é pouco. Vou precisar de um pouco mais do que isso”. Escreve. Caligrafia firme. Maiúsculas precisas. “É Jessica Lira Araújo dos Campos. Mas o Jessica é sem acento.” Lúcio tenta riscar o acento. Sem uma borracha, só consegue ressaltar o erro. Irrita-se. A marca aguda torna-se um xis. Riscos perpendiculares. Um borrão. Lúcio vira a página e começa novamente.

“E o seu?”. “Oi?”. “Seu nome, como é?”. “Viu como a cena da porta não serve pra nada?”. Lúcio sorri. Olha a ponta dos dedos de Jessica. “Eu disse na porta que eu sou o detetive Lúcio Fortuna, responsável pelo caso da menina Ana. Você tem problemas de ansiedade, Jessica sem acento?”. Jessica fecha as mãos em gesto instintivo. Não tem onde escondê-las. Sente-se ridícula com os punhos cerrados no ar. Termina por abrigá-los entre o cabelo. Coça a nuca.

“Detetive, é?”. O cheiro da roupa. Jéssica caminha até a janela. Checa se está aberta. Fechada. Abre uma fresta. O ruído dos carros a obriga a fechar novamente. Lúcio tem em mãos um porta-retratos da prateleira. Tira a poeira do rosto de três mulheres. “As pessoas costumam estranhar a palavra detetive, sabe? Quer dizer, quantos detetives uma pessoa vê na vida? Só mesmo na TV, nos filmes. Brasileiro acha que a gente nem tem detetive. Que quem investiga tudo é o mesmo PM que fica com a viatura parada em esquina de rua de gente pobre. Sua mãe ainda mora com vocês, Jessica?”. “Ela morreu tem algum tempo já”. Nenhuma lástima. Lúcio passeia o dedo entre as

molduras. Escolhe outra. “E a menina?”. “Minha irmã mais nova, Bia”. “Bia não é nome, Jessica”. “Oi?”. “É Beatriz ou Bianca?”. “Beatriz.”. “Mesmo sobrenome?”. “É”.

Lúcio mantém o retrato. Senta no sofá. Volta ao bloco de anotações. “Quer beber água ou algo do tipo?”. “Tem alguma coisa quente?”. “Tipo...” Jessica hesita. Divide o olhar entre o detetive e a cozinha. “Tipo uísque ou algo assim?”. Lúcio observa-a. Silêncio por três segundos. “Quer ir presa, Jessica?”. “Oi?”. O coração acelera. “Quer ir presa, Jessica?”. Gagueja. “Oferecer álcool a um funcionário em serviço. Isso não se faz. Quente tipo café ou chá.”. Sorriso ensaiado de Lúcio. Sorriso nervoso de Jessica. Ela volta à cozinha. Ele ao bloco.

“Não sei se ajuda...”. Chaleira. Água. Ignição elétrica. Sachê de chá. Validade. “mas tem um merd... um cara que mora na 10, sabe? É dessa gente bronca, acho que é trocador. O pessoal por aqui comenta. As filhas são pequenas. Ele é meio estranho. Às vezes elas aparecem com olho roxo, boca machucada. Uma pessoa assim nem merece filho, não acha? Sabe-se lá o que essa cara faz com essas meninas...”. Checa o relógio da cozinha. Um copo de suco de laranja para Beatriz. “E outra? Quem garante que elas são mesmo filhas dele? Ele é clarinho, meio russo, sabe? As meninas são mulatinhas... Eu não conheço a mãe, mas é estranho, né?”. Cheiro de camisa. A situação incomoda. Abre, instintivamente, o refrigerador. Olha o interior. Fecha. Checa o celular.

07/07/10 - 07:42

Dé: você tem que parar com essas coisas, garota.

Jeh: eu quero, mas as vezes a vida é mais complicada Dé.

Dé: eu falei com o grupo. Eles vão aceitar mas dessa vez eh pra fazer bem feito.

Jeh: qnd vc tiver sua propria criança vai engolir essas palavras...

Dé: ???

07/07/10 - 17:58

Jeh: preciso falar ctg...

Dé: ?

Jeh: Depois.

Dé: o grupo vai se reunir amanhã.

Jeh: Blz. Ñ começa sem mim.

“Então, detetive, esse cara da casa 10 é um bom lugar pra investigar, né?”. Uma gargalhada corta o ar. Jessica sente uma navalhada de gelo. Lúcio, camisa amarrotada,

lança um pequeno pacote no ar. Pacote com uniforme do Jardim Escola Sapecas. Pacote com cabelos desgrenhados. Pacote já sem tênis, com as preferidas meias da Dora no pé. Três minutos mais tarde, Jessica ainda processa a cena. Silêncio. Olhos vidrados no nada. Beatriz está em seu colo tomando o suco de laranja. Lúcio está ao lado de ambas e bebe o chá. Copos sobem e descem. Ela limpa a garganta. Tenta retomar a palavra. O detetive ignora. Bebe seu chá e olha o vazio da TV desligada.

Ao terminar a bebida, Lúcio levanta. Pega sua xícara e o copo de suco e leva para a pia. A menina vai para o quarto. Barulho de pia. Jessica pretende levantar. Está paralisada. “Saudade de a minha filha ter essa idade. Aproveita. Quando chegam aos 13, 14, já era. Não querem mais saber de brincar de nada. Só querem saber de reclamar de tudo e se sentirem adultas. Eu me achava um ótimo pai até essa idade. Pega a minha carteira, aí.”. A voz ecoa da cozinha. Jessica demora a reagir. Está confusa. Sente-se um animal selvagem acuado. “Pega do lado do meu bloco, em cima da mesa. Isso. Pode abrir. Para com essa cerimônia. As pessoas tem medo de abrir a carteira dos outros, nunca entendi. Acha que vou te prender por roubo?”. A falta de tom na fala de Lúcio desconcerta. Sorriso ensaiado, caminha da cozinha para o sofá. “olha a foto na frente dos cartões. Minha filha. Linda, né?”.

Seguro de carro, plano de saúde família e cartão do banco. Um cartão de mecânico, um cartão de aulas particulares de piano e uma carteirinha de um clube esportivo. Um maço grosso de notas de dois reais novas. Nenhuma moeda. Um pequeno laço vermelho. E a foto de uma menina de mais ou menos dez anos de traços fortemente orientais. Tira a foto da carteira e olha de mais perto. “Sua filha é japonesa?”. “Sansei”. Lúcio serve um copo de água gelada nas mãos de Jessica. “Que?”. Gole de água. “Ela é uma sansei. Isso significa que ela descende de japoneses, mas a mãe dela já nasceu aqui. Eu conheci a Yui no interior de São Paulo durante um trabalho”. “Muito bonita mesmo...”. Gole. “Você pode me mostrar a certidão de nascimento da Beatriz, por favor?”.

A água escorre pela garganta. Jessica percebe que tinha em mãos um copo de água gelada. Percebe que Lúcio abriu o refrigerador. Sente súbito calor. Tosse. “Vou... você... eu não sei bem...”. Lúcio traceja no bloco. “É praxe, Jessica. Tem um doido solto por aí. Eu preciso garantir, sabe? Quem me garante que você não é nosso criminoso?”. Riso ensaiado. Jessica abre a gaveta do móvel da TV. “Não, tudo bem. As pessoas

estranham mesmo. Eu ter ficado com a guarda dela mesmo com a minha idade. Toda escolinha me pede pra ver os documentos. Todo mundo desconfia quando eu me apresento como responsável...”. Passeia entre pastas transparentes.

“Chapeuzinho Vermelho”. Os dedos param entre o atestado de óbito da mãe e o talão de IPTU. Lúcio folheia um livro infantil com a mochila de Bia aberta no colo. “Sabe guardar segredo, Jessica?”. Beatriz canta no chuveiro. “Como as...”. “Lá no departamento a gente tem uns nomes que a gente usa só pra organização interna mesmo. Tem um tipo de vítima que costumamos dizer sofre de síndrome da Chapeuzinho Vermelho. A ideia é simples: você acha mesmo que um lobo é capaz de se disfarçar de avó?”. Lúcio espera tempo suficiente para Jessica pensar que a pergunta não era retórica. Retoma sua fala quando ela esboça reação. “Olha bem essa ilustração e me diz, Jessica. Quem compra essa ideia? Não é um lobo disfarçado de cachorro. Até de ovelha, vá lá. Mas de avó? Nem eu, que sou humano, conseguiria me disfarçar de avó de outra pessoa. Você conseguiria, Jessica?”. Seriedade. Espera. Sorriso ensaiado.

“Essa coisa de ficar sério depois de fazer piada não é meio batida não?”. Jessica entrega a certidão. Uma pontada no fígado a relembra que ele não é um conhecido seu. Cruzou uma linha perigosa. Lúcio realmente ri. Por um momento enche-se da vida que lhe falta normalmente. Jessica está confusa. “Essa é a identidade da minha mãe e a minha, pra comprovar a filiação”. Lúcio fotografa com o celular. “Espero que esteja tudo certo...”. Beatriz sai do banho. “Fica calma, é tudo burocracia.”. Ele respira fundo. “Uma menina que cuida tão bem da pequena Beatriz não terá nenhum problema com a justiça, né, Beatriz?”. Lúcio segura a menina pelos braços. Levanta e roda-a no ar. Coloca-a no chão. Se dirige até a porta. “Pede pra ela não me bater mais, moço”. Navalhada de gelo. Lúcio retorna até o sofá. Está sério. “Quase esqueço meu bloco”. Jessica está pálida. “Ela fala assim, mas não é... Eu só...”. Lúcio toca seu ombro. “Não precisa ficar assim. Eu tenho filho também, sei como são essas coisas. Se precisar de mim...”. Firme contato visual. Lúcio rasga uma folha do bloco. Anota um número no papel. Entrega-o. Além do número figuram: uma moldura geométrica grega feita em caneta preta, riscos que indicam testes de canetas velhas e um grande redemoinho feito de lápis. “aqui está o número do meu celular. Acho difícil que esse ‘homem do 10’ seja nosso suspeito”. Pausa. “mas se você vir algo de estranho, pode me chamar”.

Dez minutos mais tarde, anestesiada de adrenalina, Jessica tira o *corpus* do refrigerador. Senta no sofá. Beatriz assiste Dora. “Isso não é muito retardado pra você não, garota?”. Troca o canal. O cheiro da camisa volta a agradar Jessica. Alívio. Beatriz, contrariada, explora a sala. Encontra um tesouro embaixo do sofá. “- Ma... ri... ko... Mariko... Mu... Ra... Ka... Mi... Ma-ri-ko Mu-ra-ka-mi. Quem é essa, Je?”.

### **Do prazer do sabor amargo**

“Sabe, meu pai costumava dizer que o gosto pelo amargo é o que nos faz verdadeiramente diferente dos animais. Ele trabalhava em uma fazenda e passava o dia entre gado e galinha. Achava, lá pelos tantos da idade, que os animais tinham tudo para serem ótimos humanos: comiam, transavam, sabiam obedecer, gostavam de carinho e gritavam na hora da morte. ‘Mas nunca você vai ver um porco desses preferir um bom copo de doze anos em vez de um punhado de açúcar refinado, moleque’. Falava arrastando o bicho pros fundos da casa. O amargor, eu acho, faz parte do nosso instinto de autodestruição, de masoquismo, de aprender a negar o que o corpo realmente quer, Jessica”.

Lúcio olha pela vitrine do Café. Guardas municipais. Mendigos vendedores de bijuterias. Mendigos pedindo dinheiro. Mendigos dormindo. Executivos. Vendedores disfarçados de executivos. Turistas. Pombos. “Tudo isso por não provar o café daqui?”. Para Lúcio, o centro representa a antípoda de sua fazenda. Lá o vazio. Ali a multidão. Em ambos Lúcio sente-se invisível. “Por que você teve todo esse esforço só pra devolver uma 3x4?”. Jessica começa a se arrepender do ato. “Isso é um interrogatório ou um encontro?”. Lúcio procura com os olhos o garçom. Estranha a demora do café. “Então isso é um encontro?”. Lúcio tenta sorrir. Acostumou-se com o arqueio ensaiado. “Me diz você... eu sugeri entregar na sua casa, deixar na caixa de correio, sei lá. Você que sugeriu o café. Parece encontro, sabe?”. Jessica checa o celular. O suco de laranja chega.

“Alguma novidade no caso da menina Ana?”. Lúcio está irritado. Questiona sobre o café. “Fomos buscar outro saco do depósito. São cinco minutos, senhor.”. Jessica espera resposta. Lúcio suspira. “O criminoso está por perto. Não vai demorar muito. Ele está inquieto”. A sandália de Jessica encosta no sapato de Lúcio. Ele retrai a



perna e endireita a postura na cadeira. “Você arrisca alguma descrição do perfil dele?”. Jessica checa novamente o celular. “É tudo um tiro no escuro. Esse negócio de ‘A forma como o corpo foi arrastado indica que ele é uma pessoa emocionalmente instável’ e toda essa baboseira não funciona tão bem como aparece nos filmes. A gente trabalha nas peças pequenas. Ele não faz muita pesquisa, no caso anterior e no caso da menina Ana nenhum dos depoimentos indica presenças estranhas rondando a região mais de uma vez. Apesar da variação de locais onde os sequestros ocorreram, ele parece manter um padrão: bairros de classe média. Nem pobreza nem luxo. Sempre evitou apartamentos, condomínios ou ruas muito movimentadas. Nenhum indício de violência em nenhum dos casos. Não descartamos a possibilidade de uma mulher, sabe?”. Lúcio olha os lábios de Jessica. Ela não expressa reação. “O acesso às casas, a falta de suspeitas, a predileção pelas meninas pequenas. Pode ser uma forma de compensação, um trauma com maternidade. Um cara como o ‘homem do 10’, como você deve ter notado, levanta suspeitas muito rápido, alguém teria percebido antes. Quem faz isso tem o poder de não levantar suspeitas”. Ela observa a vitrine. Um casal sentado no banco comendo pipoca. Um garri varre o lixo. Uma mendiga tenta roubar beijos de um turista. Os guardas municipais riem. Chega o café.

O ritual de bebida do cappuccino exige total silêncio. Jessica tenta alguns assuntos espaçados, mas Lúcio está em transe. O garçom descreve com habilidade o menu dos quitutes da casa para um casal de argentinos com queimaduras de sol. A falta de interação força um monólogo em Jessica. “Uma vez quando era pequena, sabe, tinha esse mendigo que era meio maluco, todo mundo do bairro conhecia. Tonho da Lua, acho que era o nome. Tipo o da novela. As crianças sempre ficavam gritando ‘passa fedido’ e ele sempre sacudia a mão, como um boi velho tentando afastar as moscas com o rabo, sabe? Uma vez eu estava sentada na varanda de casa, minha mãe ficava costurando na frente de casa, aí as crianças resolveram inovar. Tacaram coco de cachorro nele. Dessa vez, em vez de sacudir a mão e todos rirem, ele parou e olhou as crianças. Olhou mesmo, sabe, não era olhar de maluco, perdido no vazio, era olhar de gente. Eu até me arrepio. Tipo uma decepção com a humanidade. Nas aulas de psico as vezes eu fico pensando, se a criança for uma *tabula rasa*, somos um bicho mau por nascença, sabe? Talvez o Tonho da Lua tenha percebido isso naquele dia. Nunca mais voltou...” Fim do café. Jessica checa as mensagens.

14/07/10 – 10:33

Elder- não posso fazer isso de novo, você sabe.

Jeh- última vez juro

Porfavor!!!

Elder- última heim!

Jeh- Você realmente é um anjo! <3

14/07/10 – 13:17

Elder- cadê você?!?!

Aloooou?

Ela tá perguntando por você, já não sei o que fazer...

Última vez mesmo.

Silêncio. Comentários soltos. “Vamos jogar um jogo, Jessica”. Lúcio quebra palitos e joga-os na xícara de café. “Aqui?”. Jessica encosta novamente o pé em sua perna. Ele deixa. Está tenso. “É simples. Dá pra jogar aqui. Fazemos isso as vezes na DP. É um jogo de associação. Eu lanço tópicos e você precisa responder com, no máximo, dois segundos de atraso.”. Lúcio tira um palito novo da embalagem. “Se demorar mais do que isso eu furo a palma da sua mão assim”. Picada. Não forte o suficiente para causar real dano, mas forte o suficiente para incomodar. Jessica contém o grito. Está nervosa. Mas curiosa. Aceita. “País”. “Itália”. “Comida?”. “Pizza. Dedutível, sr. Detetive”. “Filme”. “Putz, essa é mais difícil, escolher só...”. Picada na mão. “O pianista”. Jessica está atenta. Os argentinos da mesa ao lado olham de canto de olho. Estranham. “Não imaginaria...”. “Tem algo ali que me atrai”. “Deus”. Lúcio está mais intenso em suas perguntas. Os rostos estão mais próximos. As mãos, próximas, suam. “Como assim deus?”. Picada. Essa foi mais forte. Jessica respira rápido. “Algo budista, se é pra escolher. Acho cristianismo hipócrita...”. “Morte”. Jessica visualiza as mãos sujas de sangue. Uma criança chora. Uma longa viagem de carro. Enterro. O palito enterra-se em sua pele. Um chiado agudo em seu ouvido. “Morte, Jessica”. “Liberdade”. “Medo”. O chiado aumenta. Jessica olha o casal de argentinos. Falam com o garçom. Olha o semblante apático de Lúcio. Segura instintivamente o celular. “Eu preciso ir. Já estou muito tempo fora de casa. A Bia...”.

Vinte minutos depois estão no ponto de ônibus. Está lotado. Ambos estão em silêncio. “Desculpa, interromper tudo assim, mas não...”. Lúcio toca-a novamente no ombro. Dessa vez a mão permanece. Ossos pesados. Mão de homem do campo. “Eu agradeço pelo encontro. Foi bom. Eu precisava me distrair um pouco. Você me intriga, Jessica. É uma menina estranha...”. Jessica lhe dá um desconcertado abraço. Mantém seu corpo estático colado ao de Lúcio. O detetive sente a mão da menina mover-se. Tenta segurá-la, mas está atônito. Ela solta-o. Entra no ônibus. A multidão atropela Lúcio. Em meio à confusão retira algo do bolso. Um desenho infantil de um homem de terno segurando uma menina japonesa no ar.

### **Da obviedade do velho casarão**

“Estamos há quantas horas nessa estrada?”. Jessica ajeita-se no assento plástico do carro. No banco de trás, Beatriz e o Macaco cantam. Sete dias antes Jessica recebe, antes de dormir, uma mensagem de Lúcio. É a primeira de muitas ao longo dos dias. Conversam mais pelo celular. Jessica gosta de ler suas teorias sobre o mundo antes de dormir. Responde com *emoticons* quando está com muito sono. Lúcio não usa *emoticons*. Ele pergunta sobre Beatriz. Ela manda *selfies* com a menina. Às vezes ele visualiza, mas não reage. Na vida real, Lúcio não é muito diferente. Mas o silêncio, pelo celular, não se nota. Ao vivo, Lúcio parece drenar o movimento de tudo a sua volta.

“Qual foi a última vez que vocês viajaram juntas, Jessica?”. Lúcio havia fechado novamente os vidros, indicando que queria falar. Olha para Beatriz pelo retrovisor. A menina faz caretas. Jessica tenta abrir o porta-luvas. Lúcio impede. “Acho que a gente nunca saiu assim, só as duas, sabe? Antes era com minha mãe, depois do... Ela viaja às vezes com a escola. Essas viagens de escola mesmo. Museu, fazenda... eh... essas coisas. Fábrica também, eu acho”. “Acha?”. Silêncio. “Afinal...”. Lúcio retoma a fala. “essa viagem vai ser boa pra ela. Deixar um pouco aqueles ares urbanos. Ela sempre morou na sua casa?”. Jessica embaça o vidro e traça um *smile*. “Sempre moramos ali”. “E por que vocês saem tão pouco de casa?”. A água condensada faz o sorriso no vidro chorar. “As coisas não são simples”. Jessica pega o celular. Lúcio acelera.

21/07/10 – 12:07

Dé: vai mesmo, né? Eu dei minha palavra...

Jeh: tudo certo

ele confirmou

mas vou ter que levar a bia.

Dé: e como você vai fazer isso com ela pendurada em você?

Jeh: eu dou um jeito relaxa andre

21/07/10 – 17:44

Dé: e aí?

Jeh: a caminho

É mas longe que eu pensei

Dé: cuidado heim

Jeh: ☺

“O carro é a solitária do viajante tupiniquim, você, minha prisioneira.”. Jessica se sobressalta. Fecha o celular. Demora alguns segundos a perceber que se trata de outro prelúdio a uma teoria de Lúcio. “Se fôssemos um país com trens, viajar seria mais agradável. Passear entre os vagões, tomar um café olhando a janela panorâmica. Falar com os outros passageiros”. “Você já viajou de trem?”. Lúcio encara-a. Não responde. Beatriz desempenha *O ciclo da vida* no banco de trás. “Por que você insistiu tanto em vir quando soube que a gente localizou o esconderijo do sequestrador, Jessica?”. “Não sei, sabe? Tem gente que curte ficar viajando para várias cidades pra ficar tirando foto das mesmas coisas: praia, montanha, monumento, arquitetura. Tem tudo na internet já, acho uma perda de tempo. Mas uma cena de crime é outra coisa, sabe? Estar lá é muito diferente de ver uma foto. Essas lugares devem ter tipo uma alma própria, sabe. Algo meio *Clive Barker*, sei lá”. “Quem é *Clive Barker*?”. “Esquece”.

Silêncio. Paisagens genéricas. Mato. Adentram uma estrada de terra. Moradores locais observam o carro com desconfiança. Algo alheio. “E você não tem medo de entrar em um lugar desses? Ficar tão isolada do mundo. Principalmente com o criminoso ainda a solta. Quem garante que ele não vai voltar lá?”. O carro prossegue em terreno cada vez mais acidentado e ermo. “Já apareceu nos jornais que vocês acharam esse lugar, não seria muita burrice se o *serial killer*...”. A cabeça de Jessica bate forte

contra o painel do carro. Beatriz grita. Depois chora. O Macaco acaba debaixo do banco.

O buraco na estrada é suficientemente grande para caber uma criança. Lúcio manobra o carro. Balanceamento avariado. Problema menor. “Acho que o cinto do carona não está travando bem...”. Lúcio fala a um corpo desmaiado. Levantando o torso, vê um filete de sangue escorrer pelo rosto de Jessica. Após estancar o fio vermelho, passa o dedo ainda sujo nos dois lados do rosto, virando para o banco de trás e imitando um índio para a Beatriz. A menina ri.

Jessica desperta durante um cacofônico dueto de sons indígenas. Suas pálpebras contraem, revelando olhos entre a incompreensão e o terror. As mãos tentam empurrar o corpo para trás, como se instintivamente recuasse de uma criatura abjeta espreitando seus pés. “Melhor? Lá no sítio a gente lava isso”. “O que... cadê a...”. Uma dor aguda cruza o centro do crânio, enraizando até o pescoço. “Um buraco enorme disfarçado de poça de lama. O carro sobreviveu. Você também”.

O carro penetra entre morros. A civilização fica para trás. O casarão surge. “Esse lugar me lembra muito a fazenda do meu pai. Essa construção antiga, bem no meio do vale. Meu pai costumava dizer que a casa tinha sido construída no alto de um morro que foi afundando com o peso ao longo do tempo”. Ao passar por um caminho entre árvores, o dia fica para trás. Chegam ao terreno no início de uma noite de ventania. “Esse lugar é frustrante e ao mesmo tempo aterrorizador”. Jessica parecia hipnotizada pelo local. Não dava sinais de ouvir o monólogo de Lúcio. “A gente olha para o velho casarão, vazio, cheio de musgo e madeiras rangendo, e espera que ele seja assombrado, ou que seja o cenário de um crime hediondo. Aí a gente cresce e vê, filme após filme, a mesma casa, o mesmo musgo, as janelas quebradas. A gente pensa ‘agora vão mudar, não tem nada lá’, mas no fundo sabemos que os mocinhos entraram no covil do monstro...”. A luz de uma lua minguante bate no rosto de Jessica. Sangue seco e palidez. Lúcio vê diante de si, por um breve instante, uma predadora noturna. “na vida real, nós, moradores da cidade, tendemos a esquecer do casarão. Milhares de assassinatos entre as esquinas de qualquer bairro, quem tem tempo de pensar nele? Mas aí surge um caso como o da menina Ana. Todos os policiais farejando a cidade em busca do criminoso. Nada. Nenhuma câmera de segurança na cidade inteira capta absolutamente nada de estranho. Até que um garoto, caçando paca, resolve brincar de

casa mal-assombrada e horas mais tarde os jornais anunciam o achado do cativo do caso da menina Ana. Aqui. No velho casarão. Clichê demais para ser levado a sério. E ainda assim, incompreensivelmente assustador. O mal do adulto é ter aprendido a desconfiar do óbvio”.

Lúcio estaciona o carro. Os três descem. A noite torna o mundo estreito. Beatriz corre para um velho balanço amarrado a um galho de árvore. Lúcio acende o lampião deixado perto da porta. Jessica, recuperando-se do acidente, pega o lampião das mãos de Lúcio. A luz intensifica ainda mais o aspecto perturbador do rosto de Jessica. Lúcio tranca o carro e aproxima-se de Beatriz. Jessica caminha em direção à porta. “Dá uma olhada nela enquanto eu checo se está tudo ok, pode ser?”. “É melhor eu entrar com você, não acha, Jessica?”. “Relaxa, Lúcio, eu não vou tocar em nada não. Só quero dar uma olhada. Fica um pouco com a Bia enquanto eu vou olhando, já que você agora é da tribo dela”. O riso de Jessica, deformado pela chama, torna-se mau.

O piso estala. Insetos chamam. O vento dá vida à casa. A névoa de poeira quase inutiliza a luz do lampião. Jessica vacila. O interior do casarão parece drenar seu anterior desdém. Sua ideia de coragem contrasta com o que sente. Só o orgulho à sustenta ali. Evitar tocar qualquer coisa. Mas coisas tocam seus pés de tempo em tempo. Rompendo a cortina de poeira surge o cenário: um desbotado *Jogos infantis* de Brueghel, o velho; uma pilha de livros empoeirados ao lado de uma cadeira de balanço; uma espingarda de sal grosso; vasilhas de alimentar animais; cabos de eletricidade; uma boneca de palha de milho; alguns sacos de comida; um machado. *Flash*. Subconscientemente teme ver estampada na tela do celular uma criatura amorfa. Mas no visor, como esperado, o medo se dissolve.

21/07/10 – 18:10

Jeh: “Jeh envio um anexo”

Olha isso Dé

Perfeito pro trabalho da facul ou ã?

Eu falto mto e tal mas quem consegue material assim?

=\*

Alcança o corredor. Jessica sente-se na garganta de um gigante. A última porta a atrai. Metal enferrujado. Entreaberta. Cheiro forte vindo de dentro. Conforme explora o interior, sente galhos quebrando-se com seu peso. *Flash*. A fotografia revela um piso cheio de ossos. Sua respiração está acelerada. Excitação. Ansiedade. Medo. Vê, na tela, alguns crânios de porco. Um matadouro. “Aconchegante, não?”. O celular vai ao chão. O coração dispara. A risada nervosa é acompanhada de passos para trás, esmagando pequenos pedaços de ossos. Lúcio, sem nenhuma fonte de luz, contrai os olhos diante da claridade que Jessica projeta para ver seu rosto. “Esse... esse lugar é único. Chega a parecer falso de tão verdadeiro que é”. A voz preenche de som a sala. Sente-se mais segura enquanto fala. “É... Essa sala era o abatedouro...”. Lúcio pega os restos de uma cabeça suína. “Das men... das vitim...”. Jessica dá mais passos para trás. “De porcos”. “Melhor eu recolher meu celular, a queda espalhou ele pelo chão e não podemos deixar traços da nossa presença né...”. Lúcio agacha-se para ajudar, tateando entre os restos de osso. Jessica, em pé, com o lampião na mão, observa a silhueta encolhida, fuçando o chão. Parece-lhe mais um porco. Ela desvia o olhar para a porta. Vê os olhos da menina espreitando de longe. “Bia, por que você tá se fingindo de escondida aí no canto da porta? Tá querendo dar susto na gente, é?”. Lúcio se recompõe, com o celular em mãos. O olhos brilhantes no corredor não se alteram. “Bia?”. “Não é a Bia não, essa é a Ana. Como eu disse, não há *serial killers* no caso”. Silêncio. Ela ri. Ele ri. Mãos firmes envolvem o pescoço de Jessica. Ela sente o calor do hálito de Lúcio. Sente o frio do chão do abatedouro e o cheiro da colônia amadeirada. Seu corpo se debate como uma aranha esmagada contra o azulejo do banheiro. Saindo da penumbra, Ana observa com sua boneca de palha em mãos Jessica embarcar em um longo sono.

## **Epílogo**

Jessica sente o cheiro forte vindo dos panos sujos que vestia. A fome corrói o corpo. Passos do lado de fora. Alguém se aproxima. Está fraca. Luz. Conforme a ofuscação passa, forma-se na porta uma menina de traços japoneses. Olhos gélidos. Beatriz, vestida com um macacão jeans, traz uma vasilha de sopa nas mãos. É a primeira vez que a vê. É a primeira vez na vida que a vê em sua totalidade, na inocência de seu rosto redondo, de suas bochechas rosadas, seu andar engraçado. Tenta expressar

felicidade, seu rosto só consegue expressar dor. As mãos trêmulas tentam agarrar a menina. Arrasta-se. Saliva. Bia recua. Vira de costas e segue para a porta. Do peito de Jessica, como um vômito de vida, sai desafino semelhante ao de uma flauta doce:

- Olha pra mim, Bia. Olha pra mim. Olha...

Por um breve momento, como se despertasse de um longo sonho, Bia chega a virar o rosto para o abatedouro, mas a pesada porta de metal submerge novamente Jessica nas sombras.